

# PAULO FREIRE, no exílio, ficou mais brasileiro ainda.

Claudius — Pra começar com o papo eu acho que seria bom apresentar você aos leitores que não te conheceram, que tinham 10 anos, 8, 7, 5 anos em 64, quando você deixou o Brasil que ouviu falar de você. Então Paulo, onde, quando e de quem você nasceu?

PAULO FREIRE — Em primeiro lugar eu gostaria realmente de agradecer a vocês essa oportunidade que me dão de estabelecer, possivelmente, um primeiro diálogo mais informal com um grupo de jovens brasileiros entre os quais eu incluo sobrinhos meus, que só entraram em contato comigo através de livros. Eu não tenho nenhuma pretensão que seja muito séria mas de qualquer maneira é um contato formal.

Claudius — O microfone é todo seu.  
FREIRE — Eu nasci no Recife em 1921, vez em quando eu fico até um pouco triste quando jornais e revistas dizem que eu nasci em 1920 e me tiram um ano.

Claudius — Fazem você ficar velho.  
FREIRE — Exato. Eu quase protesto. Mas foi no dia 19 de setembro no bairro da Casa Amarela na estrada do Encanamento, 724.

Claudius — E esse encanamento foi feito?

FREIRE — Esse encanamento no meu tempo nem existia. Eu fui um menino da geração dos lampiões e uma das coisas que eu mais gostava na minha vida era ver o homem do lampião, como a gente chamava, com aquela vara no ombro, e que marchava com uma dignidade fantástica, com a sua chama na pontinha da vara dando luz à rua. Eu sou, portanto, de uma geração que viu e participou, como espectador, pelo menos, de um mundo de modernizações. Mas, vivíamos numa casa grande, com um quintal enorme, que na época dava para duas ruas, uma era a do Encanamento e a outra era a rua de São João. No meio das duas, o quintal ligando-as, era o meu mundo. Chelo de árvores, de bananeiras, cajueiro, fruta-pão, mangueiras. Eu aprendi a ler à sombra das árvores, o meu quadro negro era o chão, meu lápis um graveto de pau.

Miguel — E quem eram seus pais?  
FREIRE — Meu pai me marcou tanto que, tendo morrido em 1934, eu o tenho ainda como uma presença hoje. Era um homem realmente aberto. Para minha humilhação falava fluentemente francês. Ele acharia muita graça hoje do filho dele vivendo há sete anos em Genebra e pedindo *chômage* no lugar de *fromage*...

Claudius — E o que ele fazia?  
FREIRE — Sentou praça no Exército. Sofreu um acidente e teve de se reformar muito jovem, com trinta e poucos anos, como capitão. Nós, os quatro filhos, passamos a gozar da sua reforma, na medida em que ele ficava em casa. Ele trabalhava muito em casa com marcenaria, e fazia tudo que queria, cadeiras, gaiolas. Eu me lembro que eu e meu irmão mais velho éramos os mais fracos assistentes dele.

Claudius — Vocês eram quantos?  
FREIRE — Éramos quatro. Três homens e uma mulher. Eu era o caçula, mas um caçula não mimado. Eu diria sem medo de errar que essa foi uma das grandes lições dos dois, a quem eu presto agora a minha homenagem saudosa

porque minha mãe morreu, há dias. Morreu sem que eu a pudesse ver. Foi uma mulher excepcional também.

Claudius — Você se correspondia com ela?

FREIRE — Muito, muito. Eu passei treze anos de exílio, escrevendo com grande assiduidade. E escrevia de todas as partes do mundo, de Fiji, de Guiné, Papua, da Austrália, da Índia, da África, dos Estados Unidos, de todo lugar. As vezes, pelo excesso de trabalho eu limitava a correspondência, mas aí ela me escrevia e protestava. Reclamava, e dizia o que que há? Você parece até que está ficando rico. (risos)

Miguel — E com que idade ela morreu, Paulo?

FREIRE — Morreu agora, com 85 anos. Eu estou perdendo assim toda a minha família sem poder vê-los. Quando eu estava no Chile, perdi um tio, que era um grande amigo meu, um homem extraordinário, o Lutgardes. Era um grande advogado do Rio de Janeiro.

Claudius — Sua mãe trabalhava?

FREIRE — Minha mãe, como se diz no Brasil, tinha as prendas domésticas.

Miguel — Mas depois da morte do seu pai ela ficou vivendo com a pensão dele?

FREIRE — Mas era uma pensão irrisória. Eu não sei quanto seria hoje, mas a pensão era de 80 mil réis. Não dava para coisa nenhuma e nós vivemos uma etapa difícilíssima. Mesmo quando meu pai ainda era vivo.

Miguel — Era dura a vida de vocês?

FREIRE — Eu tive a experiência da fome. Neste livro que estou escrevendo eu falo um pouco disso. Eu sei o que significa ter fome. O sujeito que faz dieta para ganhar um corpo mais bonito não sabe o que é fome, porque esse tipo de fome existe e não existe na medida que a gente sabe que pode superar. Mas a outra, a que entra sem pedir licença, essa é dura.

Miguel — Com fome e tudo, você viveu uma infância feliz?

FREIRE — Olha, apesar da fome foi muito feliz. Essa fome a gente até que conseguia matar de vez em quando furtando os quintais alheios, roubando jen, roubando manga, roubando banana. Eu, junto com o meu irmão Temístocles, conhecia perfeitamente a geografia desta fome, que era a geografia dos quintais dos outros. E então, quantas vezes a gente escondia cachos de banana em buracos secretos.

Claudius — Cavernas de Ali-Baba.

FREIRE — Exato. A gente acomodava as bananas em folhas secas e mornas que aceleravam a sua maturação. Naquela época, na minha escola primária eu não sabia quanto era 4 vezes 4, nem sabia a capital da Inglaterra, mas sabia, primeiro, a geografia desta fome, segundo, eu sabia calcular muito bem em quantos dias eu devia voltar para pegar a banana madura que eu tinha colocado no meu esconderijo.

Claudius — Era a cultura da fome.

FREIRE — Exato. Evidentemente eu não sabia explicar aquilo, mas há fatos muito interessantes, por exemplo, que eu analiso no tal livro. Nem meu pai, quando vivo ainda, com essa crise toda, tirou a gravata do pescoço, nem a família se desfez de um piano alemão onde minha tia tocava Beethoven e Bach.

Claudius — Era isso que eu queria: situar a sua fome.

FREIRE — Fome de uma família pequeno-burguesa, que lutava fantásticamente para não perder a sua posição de classe.

Miguel — É a fome desesperada.

FREIRE — Isso. Então o que acontece? A gravata no pescoço do meu pai e o piano alemão na sala de visitas não eram apenas expressões, a primeira da moda masculina e a segunda do gosto artístico de minha tia. Eram expressões de classe. E não era possível perder a expressão de classe, porque aí significava marchar diretamente para os mocambos dos alagados, de onde jamais voltaríamos. Era, eu acredito, uma reação inconsciente. Minha família nunca fez um seminário interno para discutir porque o piano ficava lá. Mas o fato é que ficou, e até hoje. Está lá velho, comido de bichinhos, guardado como uma espécie de relíquia de um tempo.

Miguel — Hoje seria manter o carro.

Claudius — Você já à escola?

FREIRE — Claro. Escola pública: França, capital Paris, Inglaterra, capital Londres, e a professora dizia pra mim: Paulo, repete repete que você aprende. E eu repetia, fechava os olhos, mas é evidente que aquela geografia não tinha nada a ver com a minha.

Claudius — Eu gostaria de te fazer uma pergunta: As mais recentes teorias dizem que não se ensina às crianças, elas aprendem sozinhas. Eu queria que você comentasse um pouco isso, com base na tua experiência.

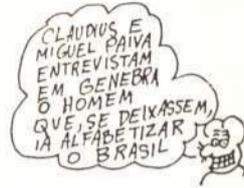
FREIRE — Não é por acaso que se discute muito isso, na psico-pedagogia, por exemplo, mas essa tua pergunta é mais sobre a teoria do Conhecimento. Eu tenho impressão que é preciso um pouco esclarecer essa afirmação: Não se ensina à criança. A criança aprende. Essa afirmação coloca bem o papel do educador e do educando. Eu também sou muito radical na análise dessas relações, mas a minha convicção é a seguinte: tomando a educação como um ato do conhecimento, qualquer que seja a relação educacional, a que se dá informalmente no lar, e a que se dá formalmente na escola, é impossível escapar ao ato de conhecimento que se processa: tanto o educador como o educando são sujeitos do conhecimento. O erro de uma pedagogia tradicional e reacionária, está, um deles, em que o objeto do conhecimento é posse do educador. O educador possui o objeto do conhecimento e transfere, no modo ideal que ele acha que conhece. O educando, então, castrado na possibilidade de recriar o objeto, de penetrar no objeto, apoderar-se, apreender o objeto, recebe...

Claudius — Sofre.

FREIRE — Você disse muito bem: o educando sofre o ato de conhecer. Ele come o objeto. Isso é o que Sartre chamou, ironicamente, de filosofia alimentar.

Claudius — Piaget diz que tudo o que você ensina à uma criança, você a impede de descobrir.

FREIRE — Eu gostaria de comentar isso. Eu acho que em primeiro lugar a criança deve experimentar-se. Minha filha Madalena anda fazendo umas pesquisas a esse respeito; quando a criança vem à escola, ela antes de ler a



palavra lê o mundo, o seu contexto. Ela vem para a escola com uma leitura global. A grande tarefa do educador é aprofundar esta leitura, possibilitar inclusive que os campos desta leitura se ampliem. O que eu defendo é uma presença. A presença do educador.

Claudius — O educador está lá como um recurso.

FREIRE — Mas não só como recurso. Ele está lá cumprindo uma tarefa que lhe cabe também, que é reconhecer o que conhece, na busca que o educando faz. Aí é que eu acho que está uma dimensão riquíssima de uma teoria do conhecimento. O educador, por sua experiência intelectual, por sua sistematização maior do que o educando coloca diante do educando, mediando os dois, um certo objeto de conhecimento, um objeto de conhecimento que ele, previamente, conhece. Mas no momento em que o educando, desafiado nessa situação de conhecimento, começa a desvelar o objeto, o educador que desvelou antes, redescobre o objeto no desvelamento que o educando faz.

Claudius — O que acontece é exatamente o oposto do que você está dizendo. O educador entra na sala de aula, transfere o seu conhecimento, o que é muito mais cômodo. A classe fica quieta, ele fala e depois toma a lição, passa dever ou dá uma prova e com isso ele afere o que foi retido daquilo tudo. Isso está se transformando, no método da múltipla escolha. Como se para cada pergunta houvesse apenas uma resposta certa. Por que acontece isso com os professores? Porque eu acho que é extremamente ameaçador para um professor, por-se em questão diante da pergunta de um garoto. Aí é que está o nó do negócio. É entre uma verdade absoluta, imóvel, eterna, e uma outra coisa, que é a descoberta comum.

FREIRE — Eu acho o seguinte, Claudius. Eu concordo inteiramente com a sua crítica, mas eu acho que podemos correr o risco de ao criticar essa teoria do conhecimento que está aí implícita e explícita nessa prática pedagógica e docente, chegar ao outro extremo, que é o extremo da negação do papel do educador enquanto sujeito também do conhecimento.

Claudius — É bom lembrar isso, mas não é bem isso que eu estou dizendo.

FREIRE — Eu sei, mas esse outro extremo levaria a uma espécie de espontaneísmo pedagógico, e como não há pedagogia que não seja política, se cai no espontaneísmo político, também. O papel do professor seria quase o de uma figura anedótica dentro da sala. Essa não é a defesa que eu faço. Pelo contrário, eu acho que o educador é sujeito junto com o educando, com mais experiência e aprendendo na aprendizagem que o educando faz. É um processo constante, contínuo. Agora, é mais difícil, porque

não é burocrático. Isso implica a invenção, a reinvenção do educando, amplia a atividade do educando e portanto a humildade do educador. Ele precisa também dizer que não sabe, ter coragem de dizer, porque a partir do momento que ele diz que não sabe ele abre a possibilidade de saber. A grande diferença entre o Homem e o animal ou a árvore é que a árvore sabe também, mas possivelmente, não sabe que sabe. E nós sabemos que sabemos e sabemos que não sabemos. Não foi por acaso que o velho Sócrates disse isso há alguns anos.

Claudius — Cara meio subversivo, esse Sócrates. Deve estar na lista negra em vários países.

FREIRE — Eu nunca tive esse problema de dizer que não sabia. Eu comecei a ser professor com 19 anos de idade e nunca tive medo disso.

Claudius — Voltando então à sua infância. Sendo de uma família pequenoburguesa, como não podia ir pra escola descalço. Você é que você resolvia esse problema?

FREIRE — Eu me lembro, por exemplo, que já na adolescência, quando me foi possível entrar no ginásio, com 15 anos de idade. Quando os meus camaradas de geração cujas famílias tinham condições, estavam começando a faculdade, eu estava começando o meu primeiro ano de ginásio, escrevendo rato com dois erros.

Claudius — E a que se deve esse atraso?

FREIRE — À fome e à impossibilidade total de entrar numa escola secundária. Me lembro muito bem da peregrinação que fez minha mãe pelas escolas à procura de um colégio particular que me recebesse gratuitamente. Finalmente ela encontrou o Colégio Oswaldo Cruz; é por causa dos seus responsáveis que eu estou dando essa entrevista hoje. O diretor era o Aluísio Araújo, por quem tenho uma profunda admiração. Ele vai fazer agora 80 anos, e eu vou chamá-lo pelo telefone para dar o meu abraço de gratidão. Ele me recebeu. Ele só queria que eu fosse estudioso. E era o que eu era. Eu comecei a entender as coisas com 18 para 19 anos quando eu voltei a comer de novo.

Claudius — Fale um pouquinho da sua geração. Recife é um centro cultural importantíssimo no Brasil.

FREIRE — Eu participei da chamada geração de 45. Eu aí estudava Direito.

Claudius — Você é advogado?

FREIRE — Bacharel. Mas a minha geração participou de toda aquela fase do fim de Estado-Novo, guerra, essa coisa toda. Essa geração tinha um desafio histórico, que era sobretudo, um desafio liberal! Era a chamada redemocratização. Um ciclo um pouco parecido com o de hoje.

Claudius — Você não é o único a dizer isso.

FREIRE — Não havia algo mais do que isso. Muita ingenuidade em tudo, uma ingenuidade que a gente descobre hoje, mas que no momento era uma crítica.

Claudius — E você viveu intensamente essa época?

FREIRE — Vivi, apesar de não ter tido um envolvimento maior. Eu sempre fui político, mas não necessariamente membro de um partido. Mas sempre com um interesse profundo na vida política do país. Foi exatamente neste período que eu encontro Elza, que foi um dos encontros mais criadores na minha vida. Encontro Elza com o professor particular dela e disso deu aí cinco filhos e alguns netos. Nós estamos com 33 anos de casados e a cada dia a gente descobre uma coisa nova.

Claudius — Como é que era a Elza?

FREIRE — A Elza era fabulosa, e continua. É uma presença permanente na minha vida, de estímulo. Por exemplo, quando eu estava preso no Brasil, depois de 64, Elza me visitava levando às vezes panelas de comida, para todos os companheiros de cela. Ela jamais disse para mim: "Puxa, se tu tivesses meditado um

pouco... se tu tivesses evitado certas coisas, não estarias aqui." Jamais. A sua solidariedade comigo foi total e continua a ser.

Claudius — Já que você toca nesse assunto, eu tenho a impressão que você, 14 anos depois, consegue falar desapaixonadamente de um período que foi muito traumatizante e que está na origem desse seu andarilhar pelo mundo. Acho que a maior parte dos leitores, justamente, tem muito pouco conhecimento do que significa exatamente o método Paulo Freire, tão falado no mundo inteiro.

FREIRE — Eu tenho até minhas dúvidas se se pode falar de método. E há, há um método. Aí é que está um dos equívocos dos que, por ideologia, analisam o que fiz procurando um método pedagógico, quando o que deveriam fazer é analisar procurando um método de conhecimento e, ao caracterizar o método de conhecimento, dizer "mas, esse método de conhecimento é a própria pedagogia." Entendes? O caminho era o caminho epistemológico. Evidentemente, tem gente que descobriu isso. Por exemplo, há duas teses uma no Canadá e outra na Holanda, quase com o mesmo nome, "o ato de conhecimento em Freire", em que a preocupação dos que escreveram as teses não foi outra senão a de esmiuçar a teoria do conhecimento que está lá e a sua validade ou não. Esse é *approach* que eu acho correto. Então, não é o método no sentido se é ba-be-bl-bo-bu. Se o sujeito ler direitinho os textos que eu tenho escrito, sobretudo os recentes, sobre o problema da alfabetização, ele descobre que o que eu estou fazendo é teoria do conhecimento. A alfabetização enquanto um momento da teoria do conhecimento.

Claudius — O que fez, pouco a pouco, criar o seu método?

FREIRE — Eu tenho que confessar o seguinte: eu fui empurrado aos córregos do Recife, às zonas urbanas do Recife, urbanas e rurais, indiscutivelmente por minha postura cristã, católica... e por certa camaradagem que eu sempre estabeleci na minha vida com Cristo, entende, até hoje. Não tenho porque renunciar. Isso eu tenho dito abertamente, em qualquer que seja o contexto. Não tenho porque renunciar. E realmente fui lá por isso. Eu digo isso também com humildade. Quer dizer, eu me sentia responsável por aquela defasagem tremenda entre a maneira como eu podia e estava vivendo e a maneira como milhões de meus irmãos viviam. E acontece que eu era educador. Então, se eu fosse arquiteto talvez eu tivesse marchado para discutir com os camponeses, com os operários sobre a maneira melhor de se fazer os mocambos. Se eu fosse médico, teria partido para o problema da saúde preventiva. Mas eu fui como educador. Eu comecei como o que nós hoje chamamos e chamamos na Guiné Bissau, *animação cultural*, que eu prefiro chamar ainda *ação cultural*. Eu trabalhei, em primeiro lugar, no trabalho de ação católica em paróquias do Recife. Trabalhei com escolas, com adultos, mas a nível de ação cultural, uma espécie assim de paradoxal pós-alfabetização. Quer dizer um trabalho de educação com analfabetos, mas discutindo uma temática, que poderia ser considerada uma temática daqueles que já chamamos. O que que se passou? Ocorreu o seguinte: Eu consegui com os jovens com quem eu trabalhava — isso já nos anos 1959, 1960 e 61 — e antes mesmo, eu conseguia discutir com grupos de operários, e às vezes de camponeses, uma temática que vinha deles. Foi aí que eu fiz as primeiras análises, as primeiras pesquisas do que eu passei a chamar depois universo temático.

Claudius — Acho que é muito importante sublinhar, Paulo, que você não se considerava o dono da verdade. Você discutia os problemas com a comunidade local, não é?

FREIRE — Os problemas nascem lá! Os caras alinhavam o que gostavam de discutir. E o meu trabalho depois era o de



descobrir gente capaz de ter o diálogo sobre aqueles diferentes temas pois eu necessariamente não podia discutir sobre tudo, eu não era enciclopédico. Me lembro que convidei certos amigos meus, professores de economia, por exemplo, de sociologia, que topavam o troço, a discutir com caras analfabetos. Foi aí que eu comecei a usar ajudas visuais, projetando slides de esquemas, de desenhos, como codificações. O resultado foi o seguinte: eu observei que o povo começava a sistematizar, a organizar o seu pensamento em torno da análise da realidade. Quer dizer, ao analisar a sua realidade, discutindo a temática que eles mesmos sugeriram, eu observei que esses grupos começavam a assumir uma posição altamente crítica, rigorosa na análise. Eu observei isso na universidade e vi que nem sempre os estudantes pensavam tão rigorosamente quanto os caras lá dos mocambos. Um dia eu perguntei: Se esse negócio é possível ao nível da pós-alfabetização, independentemente de ser só analfabeto, porque não é possível fazer o mesmo na alfabetização? Então houve um lapso de tempo em que eu meditava muito, eu pensava tremendamente todo dia em casa, e comecei a estudar tudo quanto era de cartilha que havia no Brasil e fora do Brasil. Nesse tempo eu tive uma idéia um pouco louca que era a de tentar trabalhar com analfabetos projetando figuras simples e pondo o nome, o substantivo que nomeava a figura embaixo e insistindo com o analfabeto no sentido de ele me dizer qual era aquela figura, e depois estabelecer uma relação entre aquela figura e o nome que estava embaixo. A minha idéia era verificar se era possível ou não que ele *introjetasse* o nome, a palavra, associada à imagem da figura para numa etapa posterior tentar extrojetar as palavras que foram introjetadas. Eu fui levado a fazer isso por um fato muito interessante: o meu menino mais

moço, que é um homem hoje de dez e nove anos, tinha dois anos, e havia um recame na televisão de Nescau, em que aparecia a lata do Nescau, e havia uma cançãozinha que dizia Nescau, Nescau... não me lembro mais do resto. Um dia eu ia com ele sentado no meu colo e quando o jipe fez uma curva numa rua, havia um imenso placar trepado em cima de uma dessas estaçõeszinhas de tomar ônibus, com a lata de Nescau, e quando o jipe voltou, ele olhou e disse "Nescau, Nescau" e cantou a cançãozinha. Quer dizer, ele *leu* a palavra. Então isso me deu mais força ainda. Aí eu fiz a minha primeira experiência com mãe. Era a nossa cozinheira, uma mulher formidável, que continua lá no Recife. Eu perguntei a ela se ela gostaria de dar uma contribuição, me ajudando a procurar um caminho melhor de ajudar o povo brasileiro a ler e a escrever. E ela disse que aceitava. Aí então eu a levei para a minha biblioteca e projetei um menino desenhado. Olha, gente, não por mim, e escrito em baixo *menino*. Eu disse "Maria, o que é isso?". Ela disse "é um menino". Eu disse "O.K., é um menino". Então eu tirei aquele desenho e apresentei o segundo: o mesmo menino, escrito embaixo *meni*. Deixei projetado algum tempo e disse "o que é isso?", e ela disse "é um menino" de novo. Eu disse "mas então tem alguma diferença grande em tudo isso que está aí na parede? Tem alguma diferença em relação ao que eu projetei antes?" Ela disse "tem, aqui tá faltando um pedaço". Aí eu projetei um terceiro desenho, que tinha escrito *meno*. Aí eu disse "e agora, Maria?" e ela disse "agora falta o do meio". Apresentei um outro com *nino*. E ela disse "agora falta o princípio." Quando ela disse isso, ela disse: "dotó, tô com a cabeça doendo". (risos) "Mãe, eu disse, "a cabeça dói, porque tu trabalhaste agora diferente me nte. Tu trabalhas o dia todo nessa casa, lavas

... não e não te cansas. Mas, agora, esse trabalho é diferente. Se eu fiz o teu trabalho eu me canso. Mas uma coisa que está errada é que eu não faço o teu e tu não fazes o meu. E um dia vai chegar em que eu faço o teu e tu fazes o meu. E a gente cansa menos." Eu agradei a ele e ele me deu um cafezinho. Ai eu disse a mim mesmo "não tem nada de introjetar o extrojetar, o negócio é na base da compreensão crítica da palavra. E ai fui em frente. E comecei a fazer as primeiras experiências já a nível assim crítico. O primeiro grupo com que eu trabalhei me deu resultados extraordinários. E nunca mais parou. Mas você vê o seguinte não que ai a questão não era somente técnico-metodológica, mas a questão de fundo ai é a capacidade de conhecer, associada à curiosidade em torno do objeto. Essa é a minha insistência. O resto, são os melhores meios de que tu te serves para ajudar a curiosidade de saber. É a curiosidade que tem que ser estimulada... É a reinventividade.

Miguel — Eu fico contente com isso porque é exatamente o método que eu estou usando continuamente com o Diego, meu filho. Eu diariamente sento com ele e meu bloco e aí desenho a mamadeira dele, o carrinho, e ele diz tudo. Eu faço o carro, ele diz "caio, caio", eu faço a mamadeira, ele diz "leite".

FREIRE — Então nós trabalhávamos nessa época com o professor, exatamente pela maior mobilidade que o instrumento me dava. Quer dizer, você não poderia naquela época de maneira nenhuma estabelecer uma lista de slides. Eu tive que ir buscando através da prática. Eu ia fazendo minhas notas. E a coisa ia marchando. E em poucos dias os caras venceram, venceram umas 4 ou 5 palavras. E começaram a me dar susto. E por outro lado, a me convencer do acerto em que eu estava. Então, depois dessa primeira experiência, eu me convenci de que era inviável fazer o processo de alfabetização a partir de palavras geradoras que eu escolhesse, a meu critério. Na primeira experiência eu levei minhas palavras. Por intuição pura eu usei palavras de lá mesmo. Mas por intuição mesmo. Não que eu estivesse já seguro disso. Mas depois dessa primeira experiência eu me convenci que era absolutamente inviável a continuidade do processo sem ter como ponto de partida que era uma investigação por simples que fosse, da palavra geradora, que eu chamel o universo mínimo vocabular. Mas ai, eu cometi uma ingenuidade. Na Pedagogia do Oprimido num pé de página falo do tema gerador e remeto o leitor à Educação como Prática de Liberdade para ver o que eu disse sobre palavra geradora. E nesse pé de página eu dicotomizei o indico-mizável. Eu separei o tema gerador da palavra geradora, e na verdade isso não existe. Em 71, um jovem holandês me mandou uma carta em que dizia "prof. Freire na minha *vémoire* eu crítico uma ingenuidade sua que eu gostaria de colocar nessa carta: quando o senhor distin-

gue tema gerador de palavra geradora. Me parece uma contradição porque inclusive na sua prática isso não existe, mas existe na sua teoria, então o senhor errou quando teorizou a prática." Fantástico! Eu escrevi para o menino na mesma hora, dando meus parabéns a ele e dizendo "olha eu só não reifico isso nas outras edições porque eu quero que outros caras descubram o que você descobriu".

Logo depois, quando eu fui à Holanda, eu convidel-o a ir na Universidade onde eu ia. Na presença dele eu o citei agradecendo a crítica que tinha me feito. Ele ficou acanhado, no meio daqueles professores todos. Sabe, ele tinha feito uma crítica a um professor, e o professor aceitava.

Mas a partir daquela primeira experiência eu comecei a fazer a investigação. Eu me lembro, por exemplo, que a segunda experiência maior, no sentido de testar a coisa para andar, foi feita numa repartição da Prefeitura do Recife.

Claudius — Quem era o prefeito? FREIRE — Já era o Arraes. Isso de veterano em 60, 61 e eu fui com um amigo lá e, entramos em contato primeiro com o diretor desse treco e tivemos uma reunião com os operários, colocamos o problema, e perguntamos se algum deles topava. Vinte e cinco toparam. Então eu voltei lá depois, com esse amigo, e tivemos um bate-papo duns 40 minutos conversando, em que registrávamos uma série de palavras, e inclusive tomamos nota de todos os nomes dos instrumentos de trabalho. Montamos o programa para essa experiência, com toda uma temática que eu via ali. Eu me lembro que um dia... Eu falava sobre essas experiências nas aulas da Universidade, aos alunos.

Dava notícia a eles e os caras não acreditavam. Disseram "não, Paulo, Não dá". Eu disse "Então vamos fazer o seguinte: vocês querem ir lá comigo? Agora, não vai tudo de uma vez, senão vai chocar. Primeiro eu vou avisar a eles, amanhã, que vai um grupo de cinco estudantes visitá-los". Avisei e eles disseram: tá bem. No outro encontro levei cinco estudantes e eles ficaram impressionados porque eles tinham um livro de Machado de Assis e pediram para um cara ler, uma página. Ele disse "o que quer dizer isso?" e o cara disse lá à maneira dele. E tinha um mês e meio. Apliquei muitos testes de avaliação de leitura. Eu me lembro que um dos testes que apliquei era o seguinte: eu projetei sete desenhos, sete latas de cozinha escrito sal, açúcar, veneno. Ai eu projetei o slide. E disse "por favor, leiam isso ai silenciosamente". Dei frações de segundos para eles lerem. Ai eu disse "eu quero fazer uma laranja. Tenho a laranja, tenho a água, tenho o copo. Empremi, Tá pronta. Eu preciso botar o açúcar. Qual é a lata?" O cara foi direto no açúcar, lá na tela, e apontou. Ai eu disse "o que é que aconteceria se uma criança filha minha de 4 anos sozinha em casa, botasse na laranja o conteúdo que está nesse frasco da

ponta?" O cara deu uma gargalhada: "Ah, virava lolôca!... Eu disse, porque? "Porque isso é veneno".

— Outro teste que eu fiz para eles nessa época era de poste de ônibus, que é muito importante. O analfabeto se sente perdido. Tinha umas avenidas grandes com postes de ônibus com o nome. E os ônibus com placas "Casa Forte", "Casa Amarela", "Beberibe", vários bairros do Recife, vários ônibus assim. Então eu disse "Eu quero vir para casa, moro aqui, qual é o ônibus que eu tomo?" O cara, pá! "Casa Forte". Em um mês e meio! Nesse mesmo centro eu fiz uma segunda experiência com 8. E houve um caso dramático: uma das senhoras tinha a oposição sistemática do filho e do marido a que ela estudasse. Mas ela resolveu lutar. Um dia ela chegou junto a mim, depois de um mês, e disse "eu fui à casa de uma amiga, ela não estava e eu escrevi o meu primeiro bilhete".

— Na primeira experiência houve um caso lindo, de um dos alunos escreveu *Lina* no quadro negro e começou a rir, um riso nervoso. Eu perguntei, porque é que tu ris? "Ora, esse é o nome da minha mulher". E é a primeira vez que eu escrevo." São esses pormenores, que são profundamente humanos, que não podem ser esquecidos por um revolucionário. Uma revolução que esquece que um homem ri nervosamente ao escrever o nome de sua mulher é uma revolução frustrada.

Miguel — Qual era a importância da parte gramatical nesse seu início de experiência?

FREIRE — Eu, naquela época, já estava convencido, e hoje estou muito mais, de que, durante a etapa da alfabetização, o que tu deves fazer primeiro é estimular ao máximo a expressividade oral do alfabetizando. É não inibi-lo de maneira nenhuma com a tua linguagem, mas é partir da linguagem dele e estimulá-lo no poder de expressar-se e de expressar as suas relações com sua realidade, com seu mundo. É o desenvolvimento da oralidade, associando-se logo com a escrita, o domínio da palavra. O papel, por exemplo, que têm as sílabas na constituição da palavra e o papel da palavra na estrutura do pensamento. É a compreensão crítica do próprio pensamento. Tu não podes ter pensamento e linguagem sem realidade concreta.

Miguel — Vocês se ocupavam também da parte aritmética?

FREIRE — No Brasil nós demos pouca ênfase a isso. Hoje, na África, damos muita importância a esse aspecto. Não sou eu que estou fazendo, mas estou estimulando teoricamente isso. Preparar a pós-alfabetização, onde tu já inclues a aritmética, inclusive também como auxiliar da organização crítica do pensamento. Nós estamos trabalhando num texto de aritmética para São Tomé, Elza, o nosso genro que é físico-matemático e eu. O meu papel é redigir as partes que são necessárias de linguagem. Eu tenho impressão de que esse caderno vai ser muito bom. O título dele é, *Terceiro*

*Caderno de Cultura Popular-Nosso Povo, Nossa Terra-Trabalho, Produção e Conta.* Eu escrevi uma introdução mostrando duas coisas. Primeiro que o povo já sabe fazer conta porque trabalha. Segundo, que conta tem que ver com política. Eu mostro a diferença de adição, divisão, multiplicação entre a época colonial e hoje. Esse caderno é para a pós alfabetização. O domínio das quatro operações básicas, bem feitas, e medições de tempo e espaço, também. Então, na etapa da alfabetização ainda, tu introduzes o que eu chamaria de uma leitura diversificada e superficial da realidade através da descodificação da temática girando em torno das palavras geradoras. Fundamentalmente, na alfabetização tu já tens um ato de conhecimento, em que tu propões ao alfabetizando assumir o papel de sujeito do próprio conhecimento dele.

Claudius — Voltando ao Brasil, como é que você chegou à oficialização desse método e à campanha nacional de alfabetização?

FREIRE — A oficialização se deu, antes da campanha nacional, a nível da Universidade de Recife no chamado Serviço de Extensão Cultural. Fazíamos então investigações já com uma equipe bem grande, bem boa, da qual participava o Costa Lima, por exemplo. Eu me lembro que ele deu alguns seminários na Universidade Católica do Recife analisando o universo vocabular do povo. Ele levava do SEC as pesquisas e na Universidade ele colocava para os estudantes os problemas de teoria literária. Eram uns seminários muito bons. Depois veio a campanha nacional, eu me desloco para Brasília e ai...

Claudius — Quer dizer que foi de Recife para Brasília diretamente?

FREIRE — Não, antes disso eu fui para o Rio Grande do Norte, onde fizemos a primeira grande experiência, na cidade de Anjicos.

Claudius — Ai já era a aplicação do chamado "método"?

FREIRE — Isso foi feito através da Secretaria de Educação do Estado em convênio com a Universidade do Recife. Uma das exigências que eu coloquei foi que a liderança dessa campanha ficasse na mão da união dos estudantes de lá e por coincidência caiu nas mãos do Marcos Guerra que era estudante de direito e ele coordenou todo esse esforço. O Marcos tem uma capacidade extraordinária de organização. É um cara que pensa e pratica. O trabalho da equipe do Recife foi o de ir a Natal capacitar a equipe de Marcos, que partiu depois para Anjicos. O primeiro trabalho dessa equipe foi fazer o universo vocabular da região. Nunca me esqueço que a primeira palavra geradora de Anjicos foi *belota*, uma corruptela de *borlota*, que é exatamente esse negócio de por em rede, em cortina. Por que isso? Nessa região se trabalhava muito com couro e eles usavam nos rebenques exatamente uma borlota mas que o povo chama *belota*.



# 1º PRÊMIO

## DO INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

O MELHOR LIVRO DE CONTOS EDITADO NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 3 ANOS!

Deu no jornal:

O Instituto Nacional do Livro anunciou, ontem, os resultados dos concursos literários de 1973, concedendo, no gênero conto e novela, 90 mil cruzeiros aos livros "Trombeta do Anjo Vingador" — contos de Dalton Trevisan, e "A hora Anterior" — novela assinada sob o pseudônimo de L'Amberl.

Justificando a escolha do trabalho "A Trombeta do Anjo Vingador", a comissão julgadora, integrada por Otávio Faria, Fausto Cunha e Judith Grossmann, disse que ele representa "um momento importante da evolução do moderno conto brasileiro, como também os méritos intrínsecos do próprio volume, onde se encontram pequenas obras-primas do conto nacional, sendo ainda de notar que, nesse livro, Dalton Trevisan encontra o caminho de uma brilhante inovação formal".

(Est. SP, 11 nov. 78)



Claudius e Paulo Freire

Essa foi a primeira palavra geradora, de uma riqueza extraordinária, em ambos os aspectos, sociológico e linguístico, porque ela introduzia três famílias silábicas, a do ba-be-bl-bo-bu, a do la-le-li-lo-lu, e a do ta-te-ti-to-tu. Ela em si abria a possibilidade de criação de novas palavras. Depois dessa seleção feita, os meninos foram e passaram a morar lá. Um mês depois tinha trezentas pessoas lendo e escrevendo. Uma das minhas curiosidades hoje seria a de voltar a Anjicos e procurar descobrir a essas pessoas, conversar com elas para saber se continuam lendo e escrevendo ou se caíram no analfabetismo regressivo.

A coisa explodiu a nível nacional quando o presidente foi lá com todo o seu ministério fazer o encerramento desse curso. Então se noticiou e tal, às vezes com muitas coisas inventadas. Eu tive que lutar muito para convencer os jornalistas a não fazer sensacionalismo, exatamente porque aquilo era um trabalho sério que tinha que ver com o povo. Se a gente mistificasse a gente trabalharia contra. Realmente colaboramos. Foi nessa época que saiu artigo muito bonito de Hermanno Alves, que se chamava *Anjicos, 40 graus, 40 horas*. Era muito quente lá. Foi a partir daí que a coisa veio para o plano nacional, quando o Paulo de Tarso foi ministro e me convocou. O primeiro trabalho foi o de capacitação de equipes centrais, em cada capital do país para a multiplicação de quadros e imediatamente pondo na prática. Mas o tempo foi pouco.

Claudius — Isso foi em...

FREIRE — Em 63. Em junho de 63.

Claudius — É, o tempo foi pouco mesmo.

FREIRE — Foi pouco, mas deu para implantar a coisa em todo o país. O negócio era tão extraordinário, que não podia continuar. Num estado como Pernambuco, que tinha naquela época, o número de, pode não ser exato, 800 mil eleitores, era possível em um ano passar para 1 milhão e 300 mil. Um estado como Sergipe que tinha 300 mil eleitores, podia passar em um ano a 800 mil. E assim em todos os estados do Brasil. O que poderia ocorrer é que para a sucessão presidencial nós poderíamos ter no processo eleitoral, já que a lei não admitia o voto do analfabeto, facilmente 5 ou 6 milhões de novos eleitores. Ora, isso pesava demais na balança do poder. E se uma questão fosse apenas dar uma resposta ao anti-democratismo da lei brasileira, de proibir que um analfabeto vote, o que seria realista, mas seria atender à lei, que exigia apenas que o sujeito assinasse o

nome, e para assinar o nome nós não precisamos mais do que 4 horas. Se fosse assim, nós podíamos fazer aqui milhões de eleitores em um ano. Agora eu, ministro, me recuso a isso." Possivelmente me recusaria de novo. Essa conversa com o ministro foi muito importante e eu enfatizo que a posição do ministro era igual à minha.

Miguel — Seria o mesmo erro de encarar o povo como instrumento, como objeto.

FREIRE — Exato. E eu me recusava e me recuso a isso. Eu sou radical, e o ministro concordou inteiramente. É evidente que nós não pensávamos, na época, em pós-alfabetização. Eu dizia, "Ministro, a gente tem que correr o risco de não aprofundar os níveis de conhecimentos dos primeiros que não se alfabetizando, exatamente para não cair num elitismo também. Ai eu poderia pegar uma fração dessa gente e fazer cinco anos de trabalho sério e deixar o resto". A minha proposta era extensiva.

Claudius — Mas eu acho que esses problemas teriam sido colocados se a experiência não tivesse sido interrompida. Uma outra observação é que o governo da época tinha vários componentes dentro dele e, justamente por ser um governo que conciliava essas várias correntes, permitia esse tipo de liberdade. Não havia uma orientação rígida, única, e isso permitiu que experiências como essa fossem feitas. Mas é evidente que esses 6 milhões que entrariam no páreo eleitoral iriam desequilibrar a balança do poder.

FREIRE — O Welfort disse isso no prefácio do meu primeiro livro. Não era o pedagogo ou subversivo, mas sim o contexto social em si. O pedagogo reflete isso.

Claudius — Acho que seria interessante se constituir esse contexto social. Ao mesmo tempo em que essa campanha de alfabetização se fazia havia uma série de coisas que estavam acontecendo: A luta pelas reformas de base, havia as ligas camponesas que cresceram muito. Eu me lembro de um amigo que estava nos Estados Unidos que me disse que todo dia tinha na televisão alguma coisa sobre as ligas camponesas no nordeste. E parece que havia um certo medo, uma certa histeria nos Estados Unidos de que houvesse uma nova Cuba no nordeste. Pela linguagem como isso era feito a gente pode, quem sabe, pensar que das duas uma: ou eles realmente estavam por fora, ou então esse exagero da importância do poder das ligas camponesas era feito para justificar alguma coisa que viria depois. Eu tenho impressão de que tudo isso que se falava esse poder das ligas foi desmentido pelo que aconteceu em 64. Em 64, os relatos estão aí, foi um castelo de cartas que se desfez porque não havia, na realidade, nenhuma organização e nenhum preparo. Eu acho que é muito importante voltar àquele período e

mostrar que essas modificações todas, que na época eram chamadas de revolução, pensava-se fazê-las através do voto, pelo processo democrático.

Miguel — Mas aí chegamos em 64.

FREIRE — Exato. Ai veio o golpe. Eu preferi ficar. Eu tive chance de sair. Em Brasília mesmo, através de uma embaxada, mas preferi não ir. E não me arrependo, sabe. O que eu quero para mim naquela época era o seguinte: Uma grande parte da juventude brasileira acreditou nisso e é impossível dissociar essa crença nesse esforço, de mim. Eu estou metido nesse treco, como um testemunho disso. Eu disse, eu não sou mártir, nem quero ser, e farei tudo dentro dos limites da dignidade para não vir mártir, agora o que eu não quero é sair do Brasil antes de testemunhar que fiquei e de assumir essa responsabilidade. E para mim foi ótimo. Talvez se eu tivesse saído do Brasil direto sem a experiência, mínima, que eu tive de cadeia, sem a experiência global que tudo isso implicou, eu talvez tivesse chegado ao exílio sem uma marca necessária para continuar a trabalhar. Eu talvez tivesse chegado ao exílio com o sonho impossível de um retorno breve, exatamente por não ter me experimentado no bojo mesmo da violência que se instaurava. E a passagem por esse bojo, mesmo pequena, mesmo não demasiado traumático, — foi traumática para um intelectual que dava aula e que associava prisão a roubo e a crime e que de repente se vê preso e que fica meio confuso. Não roubei nem matei e estou aqui. De maneira que essa experiência me ajudou a superar o pouco. Foi fundamental ao exílio. Eu via em outros que tinham saído sem viver essa experiência, que a reação era diferente. Eu até dizia, olha, volta, se entrega e depois sai de novo.

Mas depois, chegou um momento em que eu confesso que me cansei de ser chamado, de estar respondendo a perguntas e vi que não tinha condição de ficar lá. A única coisa que eu sabia fazer era exatamente o que eu não podia fazer. E então eu preferi continuar vivo a entregar-me a uma espécie assim de morte lenta, ou de chikmo. Eu não via no morrer de um ponto de vista ou de outro.

Claudius — Morrer no sentido figurado.

FREIRE — É, e até mesmo no outro. Adoecer de tal modo que chegasse até a morrer mesmo. Então eu resolvi ir embora. E o exílio então me deu essa outra grande lição. Na medida em que tu te experimentastes no teu contexto, historicamente, socialmente, na medida em que tuas raízes entraram neste contexto, em primeiro lugar nunca mais deixas de pertencer a esse contexto e em segundo lugar jamais pertences só a ele. Eu sinto em mim um pedaço da raiz ultrapassando o meu sapato Onde quer que eu esteja. Essa fala arrastada, do nordestino que continua, o gosto da comida, a minha visão do mundo, a minha linguagem.

Claudius — De Recife para o mundo.

FREIRE — Não como a Rádio Jornal do Comércio. Isso é preciso também que se explique, mas, porque parece que falta de modéstia, um treco profundamente cabotino, falar de minha universidade, como se eu fosse aqui um cara que se pensa um homem do mundo no sentido que se dá, quando se diz isso. Não, o que eu quero dizer é que sou, existencialmente, um bicho universal. Mas só sou porque sou profundamente reflexivo, profundamente brasileiro. E por isso comecei a ser profundamente latino-americano e depois mundial. Eu sou capaz de querer bem, enormemente, a qualquer povo.

Claudius — Darcy Ribeiro teve uma frase na entrevista que ele deu ao Pasquim que é, "Eu não sei se esse é o lugar, mas esse é certamente o melhor povo para se fazer uma nação".

Miguel — E aquela história de quando você estava preso no Recife que um te-

nente queria que você alfabetizasse os soldados?

FREIRE — É verdade. Isso saiu até num jornal. Uma noite eu estava no meu quartinho e chegou um jovem oficial, em cuja cara não se percebia nenhuma intenção provocativa, nada, era só um puro idealismo, mas esse jovem tenente, cujo nome não me lembro, talvez seja um major ou general hoje, e se ele ler isso talvez se lembre, e seja talvez menos ingênuo, mas ele me disse, "Professor Paulo Freire, já que o senhor está aqui, há muito recruta analfabeto, porque então não aproveita, enquanto o senhor está preso, para alfabetizá-los?" Eu disse então, "meu caro tenente, eu estou preso exatamente por causa disso."

Claudius — Você então saiu do Brasil e foi para a Bolívia? Você ficou muito tempo lá, não é?

FREIRE — Não, não. Em primeiro lugar eu tenho problema com a altitude. Eu chego a La Paz, e passo mal. Eu sou um homem do Recife. Seis metros acima do nível do mar. De repente me põem lá em cima em La Paz a 4 mil metros, e eu começo a passar mal e quase vou à cama. Vejo médico e tudo. Depois comecei a me recuperar. Mas era terrível. Um livro pesava na minha mão. Tanto que quando eu desci ao nível do mar em Arica no Chile, e que pus o pé no chão eu espantei todos os passageiros gritando, "Viva o oxigênio!". Ai eu podia carregar malas e tudo. Mas quando eu cheguei à Bolívia, eu ia trabalhar para o governo de lá vinte dias depois houve o golpe de Estado que derrubou o Paz Estenssoro. Não fui molestado, nem os outros brasileiros, mas era inviável ficar lá. Então eu fui para o Chile, coincidindo com a posse do Frei e fui convidado para trabalhar com o Jacques Chonchol (\*), que é um homem extraordinário. Ele é diretor de um instituto de desenvolvimento agropecuário. Ele era a grande cabeça da reforma agrária.

Claudius — Era do partido Democrata-Cristão?

FREIRE — Era católico. Ficamos muito bons amigos, até hoje. Posteriormente ele veio a ser ministro de Agricultura do Allende. Ele desenvolveu um trabalho excepcional no Chile, nas duas épocas, mas evidentemente um certo radicalismo do Jacques, não sectarismo, levou-o a sair da Democracia-Cristã. Mas no Chile eu trabalhei quatro anos e meio, aprendi muito...

Miguel — Só para situar melhor, foi de 64 a 68?

FREIRE — Eu saí do Chile em 69. Depois eu fui para a Universidade de Harvard.

Claudius — Conta essa história pra gente.

FREIRE — Bem, depois de um largo tempo no Chile, eu comecei a perceber, e conversava com Elza a respeito, que eu era muito feliz no que estava fazendo, mas eu dizia para a Elza, "néga, eu acho que esse pessoal do Chile assumiu o trabalho e quanto mais longe eu ficar, melhor." "Isso vai acontecer na África e talvez nos doa muito. Chega-se a um ponto em que a ligação afetiva é muito grande, é coincidência com os objetivos do povo, do governo, mas que é melhor sair. Eu achei que aquele era o tempo do Chile, conversei com os meus amigos e coincidi também com a não renovação do meu contrato com a Unesco. Nesse mesmo período eu comecei a receber cartas me convidando para as universidades.

Claudius — Que livros você já tinha publicado nessa época?

FREIRE — Só o *Educação como Prática da Liberdade*. Foi escrito num intervalo de cadeia e mesclado no Chile. Eu estava preparando a *Pedagogia do Oprimido*.

Claudius — Mas esse livro estava publicado só em português?

FREIRE — Só em português mas com uma enorme repercussão nos Estados Unidos, e parte da Europa.

Claudius — Como assim?

FREIRE — Não era o livro, mas artigos que escreviam a respeito a gente que começava a estudar essa história desde a época do Brasil. Quando eu fui pela primeira vez aos Estados Unidos, em 67, eu confesso que fiquei assustado. Sabiam tudo a meu respeito.

Claudius — Você foi e voltou?

FREIRE — Ful convidado para ir aos Estados Unidos. Veja só, de repente me chamam os seguintes lugares: Ford University, New York University, Princeton University, Harvard, Columbia e outra que eu não me lembro. Engraçado é que na primeira viagem eu não sabia nem dizer good morning. Eu falei em português e em espanhol, ora com tradução, ora sem tradução. Foi interessante, porque essas universidades, além do convite que fizeram, sabendo do meu caso no Brasil, do processo e tudo o mais, me escreveram depois, oficialmente, respaldando o meu trabalho e agradecendo a contribuição enorme que eu tinha dado. O Advogado me pediu esse trecho todinho e eu mandei. Ele usou esse material, e disse, "olha eu não duvido da polícia brasileira, mas acredito muito na polícia americana, e é interessante como esse homem tão subversivo no Brasil foi fazer conferências nas universidades americanas". É claro, não é? O contexto americano é outro. Ele resiste a qualquer idéia nova, mas esse advogado usou muito bem a coisa.

Miguel — E em que deu esse seu processo, Paulo?

FREIRE — O resultado foi, *Arquive-se o processo por inépcia da denúncia.*

Claudius — Quer dizer que teoricamente pode voltar?

FREIRE — Posso, teoricamente, e lá voltar.

Miguel — Você era acusado de quê?

FREIRE — Eu era acusado de subversivo e tenho impressão também que de ignorante, o que não é crime.

Claudius — Mas e aí, quando foi que você voltou aos Estados Unidos?

FREIRE — Em 69 eu voltei e aí eu já era matéria do New York Times. Nessa altura eu já tinha o original da *Pedagogia do Oprimido* terminado, que só saiu em setembro de 70. Foi exatamente nesse intervalo que fui convidado para Harvard. Quando eu voltei ao Chile da primeira viagem comecei a receber convites para os Estados Unidos. Houve uma coisa muito engraçada; porque recebo a carta de Harvard, me propondo dois anos lá, e oito dias depois eu recebo a daquilo do Conselho Mundial de Igrejas. Harvard me propunha estar lá em abril de 69, e o conselho me propunha estar aqui em setembro. Resolvemos então fazer uma contra-proposta aos dois. A Harvard para ficar até fins de 69 e ao Conselho para vir no começo de 70. Os dois aceitaram e foi bom porque eu queria muito ter a experiência nos Estados Unidos. Eu preferia vir para o Conselho, porque o problema de ser professor para mim não se coloca. Eu me acho professor numa esquina de rua. Eu não preciso do contexto da universidade para ser um educador. Não é o título que a universidade vai me dar que me interessa, mas a possibilidade de trabalho. E naquela época eu sabia que o Conselho ia me dar a margem que a universidade não me daria. Eu temia, ao deixar a América Latina, perder o contato com o concreto e começar a me meter dentro de biblioteca e a operar sobre livros, o que não me satisfaria e me levaria à alienação total. Não me interessa passar um ano estudando um livro, mas um ano estudando uma prática diretamente. O conselho me dava essa oportunidade. Então o que ocorre? Eu chegava a Índia por exemplo e encontrava lá um grupo de estudantes que me dizia: "Olha, nós conseguimos uma edição do teu livro, filmeamos, estudamos dois meses e resolvemos ir para a prática, e é a prática que nós temos que queremos te contar. "Então

eu passava duas ou três horas conversando com esses meninos e eles dizendo", tu escrevestes esse livro foi para nós, porque é a mesma coisa."

Claudius — Eu bem que desconfiava que o Brasil tá ficando parecido com a Índia...

FREIRE — Então eu podia começar a teorizar com eles, a prática deles. Não é por coincidência que esse livro, escrito em 68 mas só publicado em 70, primeiro em inglês e logo depois em espanhol no Brasil só tinha saído quatro ou cinco anos depois. Esse livro, depois desse tempo todo, continua a ser publicado em várias línguas...

Claudius — Você sabe em quantas?

FREIRE — Em 14 línguas.

Miguel — Quantas delas você fala, Paulo?

FREIRE — Nenhuma. Eu falo português do nordeste, um pouco de inglês do nordeste, e um pouco mais de espanhol do nordeste, também. E leio francês. Então eu pude ler o meu livro. Não consigo, veja, você, em italiano, eu tenho muita dificuldade. O resto é inviável

Miguel — E o IDAC, Paulo, o que é?

FREIRE — O IDAC, Instituto de Ação Cultural é um grupo de pesquisa que criamos em 1971. Foi o resultado da busca de uma possibilidade de continuar uma reflexão sobre o real e o concreto. Que era inclusive vital. Havia em nós quatro, do grupo inicial, uma quase certeza de que ou encontrávamos o caminho de uma prática no concreto ou feneceiríamos em torno de conjecturas e propósitos de conceitos. O meu desejo na época era, e eu disse a eles, que eu participaria, com limitações, mas que eles tinham ter muito mais trabalho do que eu. O que eu gostaria é que isso nascesse e crescesse sem necessitar de mim mas me tendo também. Que não fosse algo criado em torno de mim para criar um mito e alimentar um mito, que eu não queria. No início se pensava que ia ser fácil, depois viu-se que não era, mas o IDAC se afirmou pelo trabalho sério da equipe. As solicitações eram tantas a um certo momento que o IDAC corria o risco de virar um Instituto de semáforos, o que não era a nossa intenção. Ao mesmo tempo era preciso pensar na sobrevivência. Até que em 75 surgiu essa grande oportunidade de encontro conosco mesmo: que foi o encontro com a África. Então, nós recebemos uma carta falando do interesse que tinha o governo da Guiné-Bissau em uma colaboração nossa. Foi um momento muito rico esse de cartas e respostas. As respostas demoravam muito. O tempo africano é outro. A minha carta foi em fevereiro e só veio resposta em abril. Mas a gente sabia que não era desinteresse, era o processo de luta em que estava o governo. Não dava pra ficar fazendo carta. Foi bom porque a gente aproveitou para estudar juntos em seminários muitos sérios, internos. Estudamos os textos do Amikar Cabral, conversávamos com todo mundo que vinha da Guiné. Uma das coisas que a gente procurou evitar no máximo foi a de que a nossa memória fosse interferir no projeto da Guiné. A gente teria que fazer um esforço tremendo que era o de esquecer, em certo sentido, o antes feito para não dar a esse antes feito uma validade universal que pudesse ser transplantada para a Guiné. As experiências não se transplantam, se realizam. Mas isso nos levou também a estudar tantas outras experiências de alfabetização em várias partes do mundo, não necessariamente de que participáramos, pelo contrário, experiências que não tinham nada que ver com a nossa. Até que chegou a primeira visita à Guiné-Bissau e daí pra cá as sucessivas. As oportunidades que a gente teve de ver que, apesar de a gente não se reconhecer expertos internacionais, em vários campos de trabalho a gente pode dar uma assessoria. Dela resulta um aprendizado enorme, em que aprendemos nós que estamos ensi-

nando e aprendem eles que estão ensinando também a nós. Isso tem nos dado um enriquecimento enorme no que significa uma transição histórica de uma sociedade. A problemática, às vezes dramática, desde a falta de uma máquina de escrever até os vestígios da velha ideologia interferindo no processo de desenvolvimento do país. Tudo isso a gente está estudando, anotando, refletindo, além de outras contribuições como essa do Centro Audiovisual que o Claudius propôs que se criasse, numa perspectiva funcional. Ele propunha o centro não como uma fábrica de materiais mas como um setor engajado no próprio setor de educação. Não era um departamento especializado em fazer slides mas um departamento para acompanhar o processo de transformação e de desenvolvimento da sociedade

Miguel — O IDAC em relação à Guiné se comporta como o educador em relação ao educando. Ensinar aprendendo e aprender ensinando?

FREIRE — É exatamente isso.

Claudius — E preciso dizer também que nós estamos aprendendo enormemente. Se bem que desde o princípio era muito claro pra nós que a gente não vinha trazendo nada pronto. Eu acho que a realidade confirmou e ultrapassou de muito os pressupostos que tínhamos.

Miguel — O entrosamento entre vocês e os africanos é satisfatório?

FREIRE — Existe por exemplo, no caso da Guiné, o ponto em que a equipe nacional começa a voar por ela mesma e a ganhar a sua autonomia, o que nos dá uma alegria enorme ao ver que o trabalho funcionou. Nesse momento a equipe nacional tem atitudes de adolescente que mata o pai. Disso eu já tenho uma larga experiência na minha vida. Quando eu vejo um jovem muito aderido a mim, ao que eu faço, eu digo: "esse daqui a dois anos está me "matando". Mas me matando no sentido mau. Está me negando comigo mesmo. Tenho críticas a mim que me dão essa convulsão. O garoto me critica, usando a minha linguagem e ainda, usando o meu discurso, mas para se libertar de mim me nega. Essa é uma atitude de imaturidade. É uma atitude ainda de imaturidade. Mas é positiva.

Miguel — Freud explica.

FREIRE — Em parte.

Claudius — Paulo, o que é que o exílio te ensinou?

FREIRE — Não é fácil dar uma explicação do que o exílio foi para mim como aprendizagem. Eu não tenho me detido para tomar distância dele e refletir sobre ele. Eu estou nele. Mas alguns pontos a gente pode mostrar. Um deles é a compreensão da diversidade cultural. A compreensão das diferenças. E como é diferente! Como tu não podes fazer juízo de valor a expressões culturais! A tua experiência com outros espaços históricos e culturais termina te ensinando até universalizar, rompendo a tua parquialidade. Tu deixas de ser uma mente abertura. Isso, então, significa uma periferia maior a outras formas de estar sendo. De outro lado, o exílio possibilita também a tomada de distância, não só geográfica, mas no tempo, do teu contexto original. Então, tu readmiras o teu contexto e ao fazer isso descobres uma série de outras coisas. Muitos brasileiros passaram a ser mais brasileiros a partir do exílio. Foi exatamente a tomada de distância que deu melhor o perfil do objeto da reflexão.

Claudius — Você está quase agradecendo ao exílio?

FREIRE — Pois é. Outra coisa, que eu encontrei também nos textos de Amikar Cabral, e que o exílio te ensina, é a dialética entre a paciência e a impaciência. É viver intensamente a ruptura das categorias. Viver intensamente a dialética de ser paciente, impacientemente. Ser impaciente, pacientemente. Pobre do exilado que não aprende essa lição. O exílio é a melhor universidade nessa matéria. Eu acho que sou doutor

nessa cadeira. O que ocorre se tu rompes a dialética entre a paciência e a impaciência? Ou tu rompes em favor da paciência, e ela se transforma num amortecedor da tua presença no mundo e ela vira anestesia e tu ficas historicamente anestesiado numa paciência eterna que leva a sonhos impossíveis de um paraíso que não existe. Se ela se rompe no sentido da impaciência, tu caís num ativismo, num voluntarismo que te leva ao desastre. Então, o único caminho que tem é viver a harmonia contraditória.

Miguel — Em nível pessoal, íntimo, você se defende do fato de sentir a falta do Brasil, ou encara a coisa de modo dialético também? Claudius — Você fez tudo para não se exilar, não é verdade?

FREIRE — Exato. Tu podes encontrar essa dialética. Quanto tu não vives numa impaciência, podes cair no escapismo. Podes cair na racionalidade que leva necessariamente a negar o conflito que o exílio te põe. O primeiro conflito que o exílio te põe é que vives uma realidade de empréstimo. Uma vida provisória. A realidade é emprestada. A minha primeira realidade, radical, é a brasileira. O exílio me dá outra. Se eu não sou capaz de compreender a realidade de empréstimo, ao mesmo tempo que sigo pensando a realidade original, então eu me alieno. Com medo de me alienar, definitivamente, eu posso começar a ter o sonho impossível de um retorno, que eu marco todo o Natal: "O próximo eu vou passar lá." E eu passo dez meses no trem do sonho do Natal e ele não chega nunca. Isso te leva a um mundo de conjecturas puramente cerebrais. Ai tu vês chuva quando há sol, ou sol quando há tempestade.

Miguel — O contrário disso também é o mesmo problema. Pensar que nunca mais vai voltar e que é isso mesmo, nada vai mudar.

FREIRE — É claro, desde que você pense assim em termos de uma pura auto-defesa, aí estás errado. Perdes a objetividade e aí não podes mais equilibrar paciência e impaciência. A minha posição é a seguinte: eu não apenas quero, mas penso em voltar. Mas há uma diferença nesse pensar em voltar hoje, do pensar em voltar de antes. Houve um certo período no meu exílio em que eu admitia, não como escapatória, mas como dado concreto, eu admitia que o meu limite existencial não correspondia ao limite histórico que me possibilitasse o retorno. Eu hoje penso diferente. Eu acho que o meu limite existencial vai corresponder ao meu retorno. O problema que eu me ponho é se o espaço que se possibilita para uma andarilagem pelo Brasil é apenas o espaço de uma volta de visita, ou não. Eu tenho a impaciência do retorno, que é moderada pela paciência de exílio.

Miguel — Eu percebi em você uma grande ligação, ou real ou na memória, ao elemento família. Seus pais, seus tios, e Elza. Qual é o seu conceito de família?

FREIRE — Eu vou procurar ser o menos repetitivo possível nessa história. Fazer nenhuma ligação entre família, direito e propriedade. Mas eu quero te dizer que na verdade, o meu primeiro universo é a minha família mesmo. Eu estaria errando, contudo, se pusesse o interesse de minha família acima dos interesses sociais do povo do meu país ou de outro. Agora, tem uma coisa, foi no meio da família que me constituiu e onde eu me constituí com debilidades e positivities, que eu aprendi a compreender a problemática geral. Para mim é imprescindível a afetividade e o amor. Eu tenho aliás recebido muitas críticas, sobretudo da América Latina, porque eu falo muito de amor e amorsegundo essas críticas é um conceito burguês. Em primeiro lugar eu não admitiria que foram os burgueses que inventaram o amor. Eles podem ter a propriedade das fábricas, mas do amor não. O amor é uma dimensão do ser vivo e que ao nível do ser humano alcança uma transcendência espetacular. Nesse sentido é que eu digo que a revolução é um ato de amor.